



Vivina de Assis Viana
Ronald Claver



Ana e Pedro

Cartas

Ilustrações: Sônia Magalhães



Só entre nós

Em geral, nas histórias que Lemos, ao narrador e há as personagens. O narrador diz onde, como, por quê, o quê... E as personagens vão representando ação que ele inventa para elas, vão dizendo as palavras que ele escolhe para elas.

Vivina e Ronald quiseram romper a distância entre narrador e personagens, rebelaram-se contra o poder do narrador de dispor da vida de seus personagens. E Vivina, narradora de tantas belas histórias, fez-se personagem - Fez-se Ana; e Ronald, narrador de tantas belas histórias, fez-se personagem - Fez-se Pedro. Ana e Pedro se buscaram, vem sendo Rios vírgulas mares, montanhas, e se encontraram em cartas, Ana/Vivina escrevendo para Pedro/Ronald, de São Paulo, Pedro/Ronald respondendo a Ana/Vivina, de Belo Horizonte. durante um ano, cartas verdadeiras, descendo uma trama de encontros vírgulas às vezes desencontros, sobretudo de sentimentos e emoções - as personagens inventando elas mesmas sua história, dia a dia, carta carta, donas de seus próprios destinos. e a gente ganhou este livro em que nenhum narrador se intromete, este livro em que são só os três: o leitor, Ana, Pedro. Não, somos só nós três: eu, ou você, Ana/Vivina e Pedro/Ronald. Construindo, só entre nós, uma bonita história de descoberta do amor e da ternura. De descoberta do outro.

Revisado

Primeira Carta - Ana

oi, Pedro,

Vou te avisando: você não me conhece.

Quem me falou em você foi a Malu, que eu conheci nas últimas férias, em Cabo frio. a gente estava pegando umas ondas e reparou que tinha um cara olhando .

Perguntei se ela conhecia, disse que não. Eu também não. Aí, ela falou: "ele é parecido com um amigo meu. Só que o meu amigo é mais baixo".

Aquele cara não era alto, sabe, Pedro? Fico imaginando, então, que você meio baixinho. Ou não?

Eu sou. Nem 1,60, Uma desgraça. Moro aqui em Sampa, tenho quase 17 anos, gosto de ficar de conversa fiada no telefone, de namorar vitrines e papelarias. Ah! Adoro ler.

achei legal conhecer a Malu. Ela me deu o seu endereço, na hora em que a gente se despediu. Brincando, eu disse a ela que te desse um abraço. "Naquele seu amigo baixinho", falei. "Qual?", Ela perguntou. "Aquele mais baixo que o cara da praia", falei. "Ah", ela riu. "Quero o endereço dele? Olha aqui, escreve para ele, garanto que ele vai gostar."

Estou escrevendo, mesmo saber se você vai gostar.

se você responder, te juro que vou adorar. Adoro carta. Até coleciono. Cartas e lápis. Você coleciona alguma coisa?

Um abraço. O segundo, porque o primeiro é Malu já deve ter te dado.

A "amiga" desconhecida,

Ana T.

S. Paulo, 22-11-88

Revisado

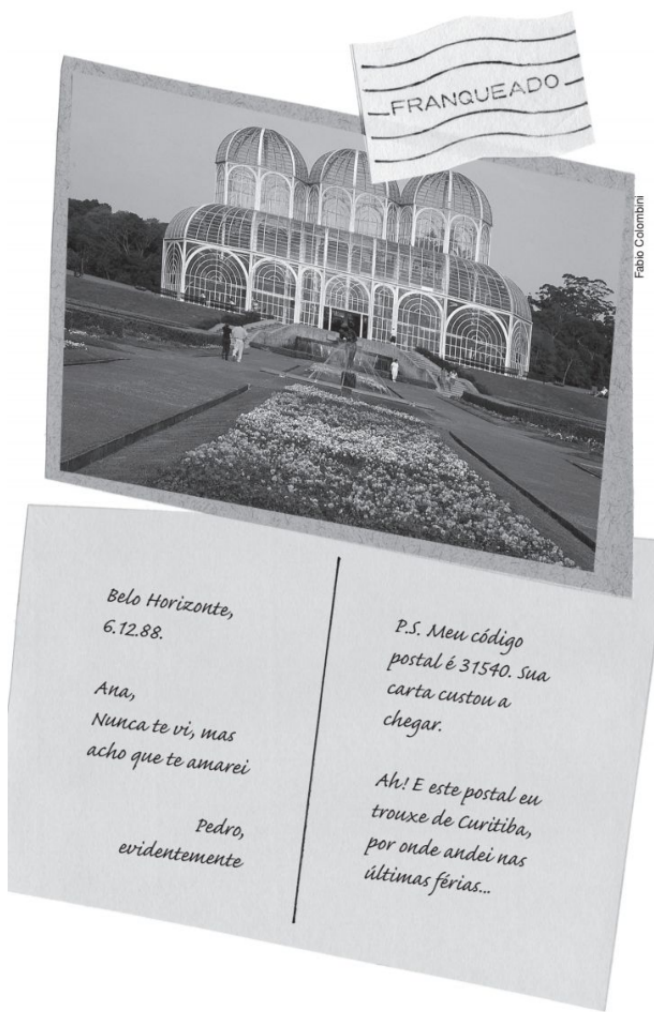
Cartão Postal - Pedro

Belo Horizonte
6.12.88

Ana, nunca te vi, mas
Acho que te amarei.

Pedro evidentemente

***P.S. Meu código postal é 31540. Sua carta custou a chegar.
Ah! E este postal eu trouxe de Curitiba, por onde andei nas últimas férias...***



Fabio Colombini

Revisado

Segunda carta - Ana

Pedro,

calma, cara! Qual é?

te escrevo na melhor das intenções e você, sem nunca ter me visto, vai logo dizendo: é "Acho que te amarei"?

Você tá confundindo as estações, ou não entendeu nada.

Só tô querendo escrever e receber cartas. Falar de mim, saber de você. Aliás você coleciona alguma coisa? Perguntei e você "nem te ligo". Assim você me assusta. Estou acostumada com as coisas do meu jeito, sabe? E o meu jeito é devagar, com calma.

quando eu namorar alguém, vai ser só depois de muita conversa, convivência, troca de ideias.

Outra coisa: Não ando querendo namorar ninguém, não. Ando querendo trocar lápis, só. Outro dia ganhei um super legal. Da Nestlé. Todo branco, com 7 lados (não é desses redondos, comuns), escrito Nestlé bem pequenininho, azul não fala em chocolate iogurte, nada.

Você gosta de iogurte?

Você gosta de quê, além de assustar a gente?

não entendi o seu cartão. Te escrevo falando em lápis e você respondeu falando em amor. Estou ficando com medo.

Tem o pai médico, mãe psicóloga, irmão mais novo, alguns amigos, inimigos acho que ainda não. De vez em quando alguém dá uma canseira, mas passa.

Você tem algum inimigo?

Namorado não tenho e também não sei se você tá querendo saber isso. nem sei se você quer saber alguma coisa, porque não falou nada. Foi logo mandando aquele cartão maluco. Será que você também é meio maluco?

Te imagino meio baixo (Por causa da Malu, né?), Moreno, tênis, jeans camiseta, paquerando as garotas do bairro em um pouco interessado em coleção de lápis. Nem em quem os coleciona.

Outra vez,

Ana T.
S.Paulo, 14-12-88

Revisado

Terceira Carta - Pedro

Belo Horizonte, 12 de Fevereiro de 1989

Ana, meu abraço

Li sua carta mil vezes. Ela não sai do meu bolso. O envelope já está um farrapo e as palavras amassadas.

quando sua carta chegou, todos ficaram curiosos. Clara, irmã menor, não saiu do meu pé. toda hora me perguntava quem era Ana como responder, se nem eu mesmo sei quem é Ana? Tive de fugir de todos. Fui gastar ruas.

À noite, quando já estava pegando no sonho, apareceu minha mãe querendo saber de Ana. Menti. Falei que Ana era invenção de Clara, ou será que invenção minha? A carta que receberá era da biblioteca do colégio me cobrando livro emprestado. Minha mãe não engoliu essa história e disse para tomar cuidado com as cartas desconhecidas. Mãe é mãe e é vidente e você sabe disso.

Tá aí no sonho e a primeira pessoa que apareceu foi você. Estava de biquíni em Cabo frio. Só que não havia mar, havia montanhas e montanhas. Um mar de montanhas e você era a única mulher no pedaço. As outras pessoas eram vendedores de picolés, cocos, peixes. quando me aproximei de você, a montanha virou mar de novo inundou toda praia.

não consigo me lembrar do seu rosto, de seu corpo. Só me lembro da água virando montanha de novo e de uma flor falando do meu nome. A flor era você, certamente.

Acordei sobressaltado. Suava. Tentei recompor o sono. Nada. (Em tempo: não conheço mar, nem Cabo frio. Só sei que Mar é um mundão de água escorrendo pelo planeta Terra.)

água lavou meus olhos e o sono viajou para o mar. Lembrei de sua carta. Fui ao banheiro, tranquei a porta. Era madrugada. Enquanto o dia não clareava, pude beber suas palavras ao som dos passarinhos

madrugadores. Mais uma dúvida me assaltou. Sou desconfiado, matreiro, mineiro E me perguntei: "Será que Ana existe de verdade ou é uma gozação de algum sacana?"

matutei bastante. Até cocei a cabeça e coloquei a mão no queixo como os filósofos gregos. E resolvi e resolvo bancar esse jogo. E digo para mim: "sou brincado nesta dança, barbante neste pião e quero ser feliz". E em paz comigo, faço de conta que tudo é verdade e entro de asas abertas nesta aventura. Neste enredo.

Malu é uma querida maluca que tem mania de me achar baixinho. Na verdade, não sou alto, talvez nem serei. Malu é grandona e acha que todo mundo deve ser do seu tamanho. Coisa de gente grande. Já minha mãe acha que esse negócio de altura é competição de gente besta. Diz para todo mundo ouvir: "homem não se mede com régua. Não é arranha-céu, Corcovado, ponte rio-niterói. Homem tem que ser é macho, honesto, trabalhador, o resto é conversa fiada" aí tem que concordar com ela.

E mãe é mãe e você sabe disso.

Você me pergunta se gosta de alguma coisa (Olha que estou embarcando em sua viagem. Se você for de mentira, juro que te mato). Gosto de muitas coisas e detesto outras tantas. Sou vidrado em futebol. Gosto de futebol como se gosta de sorvete e de beijo no escuro do cinema. Futebol é minha paixão. qualquer dia desses arranjo coragem e vou treinar no meu Atlético mineiro. Chego lá todo posudo e digo para o Zé das camisas, o treineiro: "me dá a camisa 9 e teremos gols para o resto da vida". Sonhar é bom e travesseiro é barato.

Afinal tudo é sonho, tudo é mel.

Os outros segredos ficam para o futuro. A sua existência ainda mistério.

Nem certeza de sua resposta fica o meu abraço e meu adeus,

Pedro

Revisado

Quarta Carta - Ana

Pedro,

Antes de te dizer que acho o seu nome bonito, quero te contar que quebrei o braço, acredita?

Dia de chuva (aliás, noite) , escada escorregando, sapato de sola Lisa, pronto. Não precisou mais nada. Quando vi, já estava no último degrau, tudo doendo.

na hora, o pior foi sua carta, que também não sai da minha bolsa, se espalhando pela grama molhada .

E "a chuva chovendo" , Como dizia Drummond.

depois, o pior foi o braço quebrado, dóido engessado. Parado, sem poder escrever nem para amigo desconhecido.

falei com o médico que precisava escrever uma carta. Ele me olhou com uma cara de médico e disse para escrever com a mão esquerda. Eu disse que não era uma pessoa tão habilidosa assim. Ele tornou me olhar com a mesma cara e disse para eu ditar a carta para alguém. Eu até ficava parecendo a gente importante com secretária e tudo. Aí eu fiquei calada. Vi que ele não sacava nada de carta, ainda mais para amigo desconhecido com o nome bonito feito Pedro.

Quando sua carta voou pela grama tive medo que seu sonho voasse também e se perdesse.

gritei meu irmão, ele chegou assustado, perguntando se eu tinha me machucado, se precisava chamar meu pai. Aí eu disse que queria que ele juntasse aquelas páginas espalhadas, só isso.

Ele quis saber carta de quem. Igual a sua irmã. "De um amigo", falei. "Amigo, hein", ele falou. Aquele bobão pensa que nós dois somos namorados.

Achei seu sonho legal demais. Li aquele trecho da sua carta para Sônia, uma garota da minha turma. Ela ficou arrepiada. Disse que queria ter um namorado assim você ainda se lembra de acordar biquíni? Se for azul, então foi comigo mesmo que você sonhou. Só tenho um, porque prefiro maiô inteiro, faz mais o meu gênero.

O que eu achei mais legal no seu sonho foi você me chamar de "mulher": " a única mulher no pedaço".

Nem foi questão de ser a única. Só me chamam de garota, menina, guria (de vez em quando aparece algum gaúcho), mina, gatinha boneca, até criança, imagina! mulher foi a primeira vez. Fiquei com maior vontade de sonhar com você só para te escrever assim: "único homem no pedaço". (Já te chamaram de homem?)

Se eu sonhasse com você ia ser ótimo, sabe por quê? porque eu ficava te conhecendo. Sabendo se você é do jeito que eu imagino.

Não te imagino baixinho pode ficar tranquilo. Só perguntei se você *era* por causa do comentário da Malu, na praia. e acho que quem tá certa é a sua mãe, nessa história de medir o homem com régua.

Te imagino um cara bem brasileiro, um pouco de tudo misturado. Alto, baixo, gordo, magro, Moreno, Claro, louco, manso, afinado, desafinado. Tudo junto.

outra coisa: você disse que me mata se eu for de mentira. Perde seu tempo não, cara. Sou de verdade. Não tem culpa se você não viu meu rosto nem meu corpo no sonho. Se só vi o biquíni era azul, não era? pois quem estava dentro dele era eu. Garanto que você se lembra de mais coisas e não quer falar com tu também a gente não se conhece, não é? chato e falando de pernas, braços e outras coisas logo na primeira carta. Como diz minha mãe (ou a minha avó), "há tempo para Tudo as pontas vamos com calma, que é melhor e mais sensato. E além disso, não posso me esquecer de que você é mineiro, "matreiro e desconfiado" põe até a mão no queixo para pensar, imagina!

sabe que dá certo? Andei te imitando e achei genial. Procurei um filósofo grego nos livros de história, marquei a página com uma foto do José Wilker (não coleciono só lápis, sabe?) e fui pegar sua carta na bolsa. Fiquei lendo, olhando o filósofo grego com a mão no queixo pensando em você. Aí aconteceu uma coisa interessante cima: o filósofo foi ficando parecido com José Wilker continuei lendo olhando José Wilker com a mão no queixo e pensando em você. Aí, Pedro, aconteceu uma coisa super interessantíssima: O José Wilker foi ficando parecido com você.

Não parei mais de ler aquelas páginas amassadas. Um tempão te lendo, te olhando, de pensando.

fala com a sua mãe que eu não quero te medir com régua nem compasso, como diz o Gilberto Gil já sei que você tem um jeito brasileiro, misturado, grego, cearense o José Wilker é cearense mas

isso só quem coleciona a foto é quem sabe .

vou te contar um segredo: nunca fui em um jogo de futebol. Sei que os times são diferentes por causa da cor da camisa. Mesmo assim, às vezes elas coincidem, não é? Já deu para ver, na TV que alguns são preto e branco, como Vasco e Corinthians, acho. O Botafogo? Sei lá você não quer me ensinar?

Se você for terminar nesse seu time (Atlético, né?), quem sabe ainda te vejo na TV? Aí, além da cor da camisa, precisa saber seu número. Ah, número 9, você falou na carta. só tem um perigo: eu começar a achar que quem tá jogando é José Wilker ou grego de mão no queixo você sabe se grego gosta de futebol?

Olha, Pedro, tem uma coisa me chateando: levei dois meses para te responder. Você tem que ia chegar algum cartão seu, me cobrando. Ou que você ia telefonar. Depois, me lembrei de que você não tem meu número. Nem sei se a hora de te dar. Acho que sou meio mineira também. Devagar. Ou então existe mesmo tempo para tudo, Como diz minha mãe. Ou minha avó.

Eu não queria demorar tanto tempo no princípio foi descuido. Não descaso, quer outra coisa. Depois foi gesso do meu braço. (Ah, Se você morasse aqui em São Paulo, e assinar seu nome no gesso do meu braço.) Fiquei sentindo falta. Quase coleí um pedaço da carta com sua assinatura. Já pensou que legal? Papel cor-de-rosa (como é que você adivinhou que eu gosto de cor-de- Rosa?) Colado no gesso Branco.

todo mundo ia querer saber quem era o Pedro. Eu ia ficar rindo por dentro, misteriosa. Te guardando comigo, conhecido desconhecido. Te escondendo. Escondendo seus sonhos de montanhas e de gols como se você fosse meu, mais conhecido Que desconhecido.

Te beijo no queixo (tira a mão, tá?)

Ana T.
Sampa, 13 - 4- 1989

Revisado

Quinta carta - Pedro

Ana, Ana

De novo me surpreendi com a sua carta. De novo houve a curiosidade dos irmãos e olhar perguntador de mãe.

a verdade verdadeira é que eu me esqueci de você. Logo lhe enviei a minha resposta, fiquei de tocaia esperando o correio. Passou um dia, passaram 3, 5, 17 e nada. Depois, como é de costume, fui acostumando com a sua ausência e quem se ausentou fui eu. Não mais fiquei na espreita e você conheceu o fundo mais fundo e escuro da minha gaveta. De repente, o correio aparece e eu reconheço a sua letra e lá vou eu abrir a gaveta e o coração. Colocar tinta na caneta, me armar de palavras e sonhos para religar os fios da imaginação.

Dois meses são uma vida. Tenho pressa. O mundo poderia ter acabado sem sua resposta. Depois de 60 anos, digo dias, fiquei imensamente velho. Tenho sede do futuro. Acho que não vou durar muito. Cada minuto é uma eternidade. Agora eu sei que você não é mentira. Não é nuvem, nem espelho. Não é ninguém da turma querendo curtir com a minha cara. Você existe. Tem unhas. dente. escreve cartas. Quebra o braço. Gosta do nome Pedro e quer que eu te ensino a gostar de futebol.

Puxa vida, Ana, gostaria de sonhar com você de novo. Vou invocar as montanhas, os mares vírgulas se possível, os deuses. Faço força de pensamento ponto e rezo para que você apareça no biquíni azul. Eu disse azul? Estou mentindo. O biquíni não tinha cor, mas pode virar azul, se assim queremos. Afinal, Não nascemos acabadas, perfeitos. Por isso te ver em sonhos e quem sabe ao vivo?

Sei que devemos dar um tempo como diz sua mãe - ou avó? mas tem um truque que me ajuda muito. Vou ler a sua carta 1, 3, 30, 90, 1000 vezes, depois deixo-a no bolso até que as palavras, as suas palavras, incorporem ao meu corpo, ao meu sangue e tudo vire pele, tatuagem. Estarei sonhando?

Tiro as mãos do queijo para receber o seu beijo,

Até,
Pedro

P.S. na próxima carta conto mais coisas. Como tu Como gostar de futebol, especialmente do Atlético mineiro. Conto sobre a origem do meu nome. Em tempo: nunca ninguém falou que ele era bonito, por isso vou assuntar com mamãe a história do nome Pedro. Agora vou confessar uma coisa está me matando. Já estou morrendo de ciúmes do J. Wilker

Sempre,
Pedro
Belô, 26-4-89

Revisado

Cartão Postal - Ana

Pedro,



A greve do correio tá me tirando o sono, por causa das nossas cartas. Aí, apareceu o Alencar, vê que sorte! E ele te conhece! Mundo pequeno, não é?

Sem tempo para te mandar uma carta, me consolo com esse cartão. Acho qhe você vai gostar dele. Eu gosto muito.

Estou começando a desconfiar que você gosta das mesmas coisas que eu. Pelo menos de algumas. Será verdade? Tomara.

Estou aqui, morrendo de frio, esperando sua carta, pelo correio ou pelo vento.

Ana
SP, 30-4-89

Revisado

Sexta Carta - Ana

Pedro, Pedro,

Ainda bem que a greve do correio não foi para frente...

Vou acabar indo aí, só para ficar sabendo o resto das coisas que você começa a dizer e não termina. Só insinua. (Estou te achando um cara muito insinuante...)

you tá me deixando super curiosa. Concorde que nem tudo que a gente começa a dizer tem fim, mas podia ter ao menos continuação, não podia?

Vou te dar um - ou vários- exemplos:

1) te pedi para me iniciar em futebol. Você disse que, na "próxima" cartas, para me ensinar a gostar do clube Atlético mineiro. Por que na "próxima"? se tivesse sido nessa que acaba de chegar e que não me canso de ler, talvez eu já tivesse te ajudar a ganhar algum jogo... Você não disse que tem pressa? Que o mundo podia ter acabado? pois então? Ele acabava e eu morria e sem nem saber as cores do seu querido, amado e idolatrado ("salve, salve!") Time.

(Em tempo: sabe que o mundo quase acabou mesmo? No dia 23 de março um asteroide passou mais perto da terra do que devia e a humanidade esteve por um triz. Ficou sabendo? Li no "Estadão" e fiquei roxa de medo. E o pior é que em outubro esse esteroide vai voltar. O que consola e anima a gente é que o pessoal da NASA pesquisou e concluiu que ele vai passar longe demais. Impossível qualquer choque. Só na outra volta dele, mas aí não é problema nosso. Não vamos viver bilhões de anos, vamos?)

2) você disse que quando minha carta chegou , foi "colocar tinta na caneta". Isso é verdade ou você tá fazendo poesia? Anda te achando com jeito meio de poeta, sabia? Um jeito que me agrada muito. Quero saber essa história direitinho. Se você usar daquelas canetas que a gente coloca tinta, aquelas que ninguém usa mais, te juro que

vou te achar o príncipe dos poetas brasileiros. Já disseram que era o Guilherme de Almeida. Mentira pura. É você.

ao mesmo tempo, te conto um segredo. Eu só uso daquelas cartas. Acho maior charme. Todo mundo acha, Você já notou? Só que ninguém usa, não consigo saber o por quê. Tão mais bonito. Tão antigo.

você, que a mineiro e vive cercado de profetas e aleijadinhos, deve tirar de letra essa de antiguidade.

Ah, Pedro, Me conta, vai: É por isso que você coloca tinta na caneta? Você antigo?

3) você disse que acha que não vai durar muito. Não gosto de ouvir esse tipo de coisa. Ficou arrepiada de puro pavor, penso logo em aids, pô! Ah, Pedro, pelo amor de Deus, fala logo: você tava só fazendo poesia, não é?

4) essa é super importante: quando eu elogiei seu nome, pensei que você também fosse elogiar o meu. Cara desligado, você.

Você lê Ana T. no envelope e não consegue ficar nem um pouquinho curioso? Pensei que fosse me perguntar que T. era esse. Será Ana Terra, ou coisa parecida.

poderia até ser, se meu pai e minha mãe gostasse do Érico Veríssimo. Eles gostam é de um escritor mineiro de chamado Aníbal Machado. Já morreu, já morreu. Pai da Maria Clara Machado, sabe quem é? Aquela do *Pluft, o fantasminha*. Lembra dos seus "antigos" tempos de criança? Pois é.

agora chega, não vou enumerar mais nada. Não tenho muita paciência com números. Aliás, paciência nenhuma.

Quero te dizer que achei a glória você com ciúme do José Wilker ciúme de mim, né? De mim com ele.

Pena ele nem sabe que eu existo, para história ficar mais emocionante.

sabe de uma coisa, Pedro? Estou acabando de ter uma ideia brilhante. Vou lhe escrever uma carta, assim como fiz com você. José Wilker, TV Globo, Rio.

garanto que chega na mão dele direitinho. Nos olhos, no nariz. E tem mais: se ele já tiver lido o Aníbal Machado, vai sacar meu nome no ato...

fico me perguntando se você estará de tocaia de novo, esperando o

correio. Se estiver vai se surpreender ao contrário, porque desta vez te respondi voando.

Recebi sexta, passei o fim de semana e o feriado de ontem, 1° de maio, pensando em você e na resposta, e hoje estou aqui, não de tocaia, mas de plantão, te procurando.

exagerei dizendo que passei o feriado e o fim de semana pensando em você. Fiz mais coisas. Assisti uns filmes no vídeo (*viagem insólita*, com meu irmão, *Paris, Texas*, com meu pai), fui a duas festas, dancei. Não vi ninguém com a mão no queixo, tipo o filósofo grego. Só a gente de todo dia, tipo a gente mesma. Tudo igual, sem grandes nem pequenas surpresas.

Sabe que vou votar para Presidente? Só não sei em quem, porque meus candidatos preferidos ficaram de fora. Para você não ficar morrendo de curiosidade, te adianto que um deles é o Suplicy. Entre outras coisas, porque ele correu na São Silvestre, no último dia do ano. Um homem de grandes e pequenas surpresas.

os outros são segredo. Estou te imitando. Começando e não terminando assunto que podem não ter fim mas tem, certamente, continuação. Na próxima a gente continua.

hoje, quem tira a mão do queixo sou eu. Quem sabe, assim, você me dá um beijo?

Até,

Ana

P.S. comecei esta carta dizendo que vou acabar indo aí. É verdade. Mas não quero saber só do resto de suas conversas. Quero saber de você.

Sempre,

Ana

S. Paulo, 2 de maio de 1989

Revisado

Sétima Carta - Pedro

Ana, Ana. Sempre Ana

Já estava rascunhando esta carta, quando recebi seu cartão. Faço o seguinte. Deixo esta carta do jeito que está e respondo o cartão quando eu chegar em Peçanha. Você conhece Peçanha? Nem eu. É que os professores do meu colégio estão em greve e meu pai irá até lá fazer um trabalho para a prefeitura. Vou com ele. Ele diz que Peçanha é uma cidade centenária escondida no mapa de Minas. Deve ser uma cidadezinha gostosa e devagar. Depois te conto mais de Peçanha. Quero te escrever de lá.

Quero te dizer, Ana, e não sou misterioso. Não sou de guardar segredos ou inventar histórias é que as coisas acontecem quando tem que acontecer. É só aparecerem as andorinhas-tesouras para gente saber que vai chover. O inhambu-xororó Só canta quando anoitece e clareia o dia. Acho que o mundo deveria ser governado pelos animais. Eles sabem tudo da natureza e não haveria poluição nem desmatamento.

Vou tentar responder tudo que me pede, não quero que pense que faço charme ou que sou insinuante. Quero é insinuar.

1º — você me pede para ensina-la no futebol e a gostar do meu Atlético. na verdade não sei como fazer isto. É como ensinar alguém o que é o amor. A propósito, você ama ou já amou alguém? Essas coisas de gostar acontecem sem a gente querer. Agora você não imagina a emoção que me dá quando vejo o time jogando. O meu mundo se transforma. Vira uma bola preta e branca (as cores do Atlético) e bagunça o meu coração. Quando você começar a gostar do galo (símbolo e apelido do Atlético) você vai entender tudo, talvez até o amor. E não vai saber explicar nada. Certo?

2º —poeta não sou. Gostaria. Uso caneta-tinteiro de verdade. Tem uma Parker 51 que herdei de vô João, e dela não me separam. É o meu terceiro braço.

3º. —sou contraditório. Gosto de ver a tinta da caneta inventando rabiscos no papel. as palavras de desenho surgem lentamente. Mas tenho pressa de viver. Por isso te falei em morte. Tenho medo de não dar conta de tudo o que quero. tenho fome do futuro. Não se preocupe. Doenças não tenho. Só que meus sonhos não cabem em minhas mãos. Espero que nenhum asteroide cai em minha cabeça.

4º. — O " T " de seu nome me deixou encabulado desde a primeira carta. fiz suposições, adivinhações. Pensei até bombagem. Só não tive coragem de escrever essas coisas. Agora conto. Se você não gostar, me perdoa ou xinga, tá?

Esses dias fui a uma discoteca (ainda prefiro samba). 3000 pessoas. Uma zoeira. E no meio das legiões urbanas, Paralamas do sucesso, Titãs, Michael Jackson e A-Ha, mil gatinhas, gurias, garotas. Aí tentei decifrar o "T" de seu nome. apareceu uma "meninas" de rosto corado, cabelos vermelhos, bonita de doer e a chamei de Ana tomate. Enquanto me enamorava de Ana Tomate surge uma morena de fazer inveja a Iracema de José de Alencar, de dar sede e só poderia se chamar Ana Tutu.

E Ana Tutu passeava nos meus olhos, quando uma gatinha, muito graciosa e formosa, de trança, e sardas, desfila no salão de meus olhos substituindo a Tutu. Era Ana Tetéia.

E naquela indecisão — a Tutu valia mais que a Tomate e menos que a Tetéia? — irrompe, na passarela, uma mulher de vestido azul, que me lembrou seu biquíni. fiquei extasiada e estático diante daquela mulher que mais parecia uma lua quarto crescente e bonita e esguia como uma onça negra. Não tive nenhuma dúvida. Aquela Ana Só podia ser a Ana Tessão.

Apesar da irreverência que seu " T " provocou, fui ao Aníbal Machado: Surpresas e coincidências. A bibliotecaria é sobrinha dele. E contou que a tia também é escritora. A Lúcia Machado de Almeida. Fui no fundo nos parentescos e descobrir que o marido de Lúcia é irmão do Guilherme de Almeida, o seu príncipe dos poetas. Viro um detetive qualquer dia.

Pergunto. Onde se encontra o seu "T" Aníbal? Será que é em Tati, a garota? Preferia que fosse em Duília. Amei a história da viagem aos seios de Duília.

Depois de tudo que do Aníbal, fiquei uma certeza: o Zé Wilker nunca leu os seios de Duília.

Pedro (com saudade de seu beijo, por isso tiro novamente a mão do queixo).

P.S. Revelo um segredo. Você começa a fazer parte dos meus projetos. Comprei caquis e guardei um para você. Você gosta de caqui?

Ate

Pedro

Belo Horizonte, 15-5-89

Revisado

Cartão Postal - Pedro

Ana, Ana

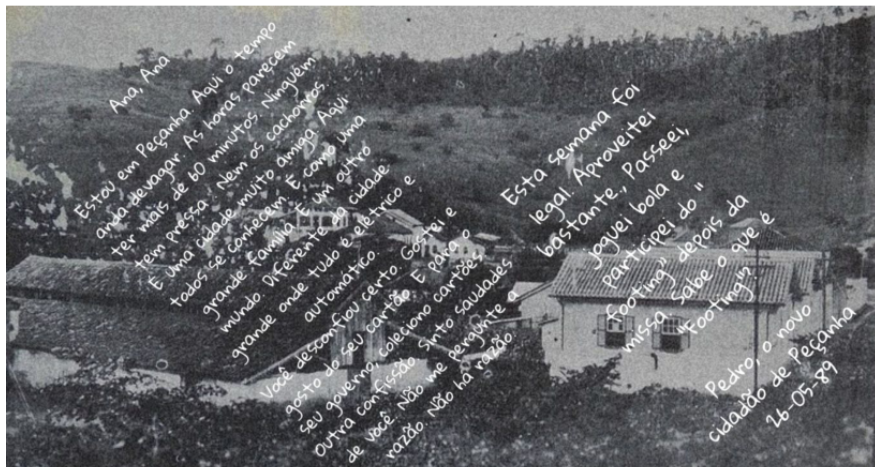
Estou em Peçanha. Aqui o tempo anda devagar. As horas parecem ter mais de 60 minutos. Ninguém tem pressa. Nem os cachorros. É uma cidade muito amiga. Aqui todos se conhecem. É como uma grande família. É um outro mundo. Diferente da cidade grande onde tudo é elétrico e automático.

Você desconfiou certo. Gostei e gosto do seu cartão. E para o seu governo, coleciono cartões.

Outra confissão. Sinto saudades de você. Não me pergunte a razão. Não há razão.

Esta semana foi legal. Aproveitei bastante. Passeei, joguei bola e participei do "footing" depois da missa. Sabe o que é "Footing"?

Pedro, o novo cidadão de Peçanha
26-05-89



footing

substantivo masculino

BRASILEIRISMO•BRASIL

1. passeio a pé, para espairecer ou à guisa de exercício físico.

2. POR METONÍMIA

local numa cidade onde se faz esse passeio, esp. com objetivo de arranjar namorado(a).

Revisado

Oitava carta -Pedro

Ana ternura

Quando cheguei de Peçanha a primeira coisa que eu ouvi de cara foi:

- chegou um livro pelo correio, acho que é daquela menina de São Paulo.

nem desarrumei a mala. Fui logo ao livro. Surpresa grande. Nome do livro: *João Ternura*, de Aníbal M. Machado. E a chave do mistério desceu "T".

Agora, Além de *tomate, tetéia, tutu, tesão*, será sempre *Ternura*.

E a dedicatória? Fiquei grilado. Afinal você me chamou de insinuante na última carta. Empatamos então quanto as intenções. Reescrevo a dedicatória:

Pedro
Ando te querendo conhecer
Ou melhor, ando querendo te conhecer.
Ou melhor, ando querendo

Ana.

Também quero o que você quer. e tem mais: te mando um beijo apertado.

Até

Pedro

P.S. você recebeu meus cartões de Peçanha?

Belô, 6/6/89

Pra você pensar:

*"esperar é um ato
Muito ativo"
(Guimarães Rosa)*

Revisado

Nona Carta + Cartão postal - Ana

Sampa, 15-06-89

Pedro,

Recebi tudo:

- a) a carta em que você pergunta se amo alguém;
- b) os cartões de Peçanha;
- c) a carta em que você descobre meu nome;
- d) o LIVRO!!!

Vou fazer como minha mãe costuma mandar, começando pelo princípio. minha mãe é assim. Quando meu quarto fica bagunçada demais eu nem sei por onde começar a arrumação, ela diz: "comece pelo princípio, Ana".

como se fosse fácil. Ou como se a gente soubesse onde fica o princípio de uma bagunça.

Nunca vou pensar que suas cartas e cartões são bagunças, mas se não colocá-los em ordem (de chegada, pelo menos), sabe quando é que eu vou conseguir te responder? Pois é, isso mesmo que você pensou.

NUNCA!!!

Hoje, estou muito exclamativa e maiúscula. Fica por conta do entusiasmo que ando sentindo com nossa troca de notícias e outras coisas. (Eu ia dizer notícias e afetos, mas não tive coragem.)

Então, vamos lá.

A) você pergunta se amo alguém.

Pedro, Pierre, Peter, Petrus, sabe que seu nome é bonito de todo jeito? Só não gosto de Pedrinho.

De vez em quando me chamam de Aninha. Aí, dependendo da pessoa, tudo bem. Se algum dia você me chamasse assim numa carta, eu ia achar o maior barato. Até ia ficar imaginando o tom da sua voz.

Tenho te imaginado muito. Vontade de saber como é que você é, de verdade, pra valer. Cor do olho, cabelo, jeito do rosto. Vontade sabe de quê? De te ver me escrevendo. Saber das suas mãos, se você tem dedos finos ou curtos.

Estou falando besteiras? Pode ser. Assumo todas, não me importo.

Achei super bonitos aqueles troços que você falou sobre os passarinhos e natureza. Aliás, eu já ia te perguntar como é que você sabe essas coisas, mas não vou mais. Você sabe, e pronto.

é como o Atlético e o amor, não é? Li sua carta muitas vezes e acabei entendendo. Você tem razão, viu, Pedro? A gente não tem que ficar perguntando nem o outro respondendo, a gente tenha que sentir.

Só quero te falar uma coisinha pequenininha: você disse que quando eu começasse a gostar do galo, ia entender tudo, até o amor. Não pode ser o contrário? Se puder, acho que dentro de pouco tempo estou andando por aí com camisetas preto e branco.

Só mais uma coisica: se eu amo alguém? O que é que você acha?

Se algum dia a gente se conhecer, você me mostra a Parker 51? Te mostro minha coleção de lápis.

Eu também quero fazer muita coisa, no futuro. Muito mais do que uma coleção de lápis. Só não sei direito o quê. Esse negócio é difícil, não é? Tomara que aconteça igual no amor. De repente, a gente descobre.

Ah, Pedro, e suas dúvidas sobre o meu nome? Prefiro o último, sabe por quê? Por causa da "mulher" de vestido azul. A Ana Tomate é uma "menina", a Tutu uma "morena", a Tetéia uma "gatinha". Continuo gostando de ser chamada de "mulher". "A única no pedaço", lembra?

Quanto Aníbal Machado, não se preocupe.

qualquer dia disfarço esse mistério. É só você ter calma e paciência e confiar no correio.

por enquanto, te adianto que não sou a Tati. Nem a Duília, que abriu a blusa e mostrou os seios pro namorado, numa procissão. como você ver, eu também li. Pena que coisas bonitas assim só acontecem nos livros. Se o José Wilker nunca leu, está perdendo.

ADORO CAQUI!!! Manda o logo o meu, pô!

Beijo da

Ana

B) Os cartões de Peçanha.

Pedro, Pedro,
Como é que eu faço pra conhecer essa "cidade escondida no mapa de Mina", Como disse o seu pai? Acho que ele também é poeta.

nunca fui numa cidade tão pequena. Conheço São Paulo, Campinas, Santos, Guarujá, Jundiaí, Atibaia, Sorocaba, Cabo frio, Rio, niterói, algumas outras.

Peçanha é menor que a ponte Rio-Niterói, não é? pelo menos, é o que asfalto parece dizer. Gostei dos dois cartões. Tentei descobrir, naquele que mostra a cidade inteira, onde era a rua que o outro detalhava. Não consegui. Tão difícil quanto o futuro da gente. Mais do que dos cartões, gostei de ler você dizendo que senti saudade de mim. Não, não vou te perguntar a razão. Já aprendi: a gente sente e não sabe ne, precisa explicar. Não sabia o que era "footing", mas a gente tem pai pra quê? Agora já sei.

Ana

A que quer conhecer Peçanha.

C) você descobre meu nome.

Pedro,

Viu? Nem Tati nem Duília.

e tem mais: nunca ninguém tinha me falado em beijo apertado. Muito menos mandado. É igual abraço?

Te mando um, apertado e comprido.

D) O LIVRO!!!

Ah, Pedro,

Quando meu pai disse que tinha um pacote para mim, parecido com o livro, trazido pelo correio, gelei. Pensei que fosse João ternura voltando. "Que azar", pensei.

quando reconheci sua letra e arrebentei o barbante e, quase não acreditei; *nunca te vi... Sempre te amei.*

Ano passado com colega me convidou para ver o filme com ele. Fez o maior sucesso aqui. Aí também, com certeza. Não fui. Eu andava meio grilada com esse cara, achando que ele tava querendo me namorar e, para variar, eu não sabia nada de mim. Hoje, percebo que ele só queria ir ao cinema, mesmo.

Meus grilos, pura bobagem, me deixaram sem conhecer o filme.

Melhor assim, sabia? ainda que eu soubesse que era uma história de amor por correspondência, não imaginava qual história. De que jeito, com que cara.

E é um jeito lindo, não é não outro dia eu fiquei apaixonada. Até chorei. Não na hora em que ele morreu (você não vai morrer, não é, Pedro?), mas na hora em que ela chegou em Londres depois de tantos planos e sonhos.

Isso segundo a orelha do livro, o filme não mostrou.

o livro tem uma "segunda parte" que o filme não tinha ponto no filme, a história acaba com a morte no livro, continua ponto prefiro assim, continuando o ponto a gente chora mas não é sofrido. Bonito também, muito.

muito, muito mais bonito que tudo, a sua dedicatória, que vou escrever aqui, de tanto que eu gosto:

"Ana acho que este livro diz alguma coisa para gente.

Pedro

P.S. NUNCA te vi, mas acho que já te amo."

Tomara

Ana T.

Que também nunca te viu.

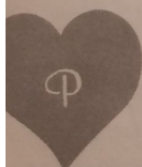
-

Chega de enrolar....

Pedro, o que eu quero mesmo é dizer que te amo....

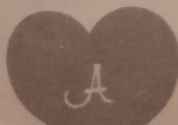
Ana T.

Pedro,



o que eu quero mesmo
é dizer que te amo

AucT.



Décima terceira carta - Ana

Pedro,

Te escrevi uma carta triste pra burro, há dois dias. E recebi uma sua hoje. Legal, divertida, só me fez bem.

Você até me propõe uma brincadeira. Ou um jogo, sei lá. Seja o que for, eu me senti desafiada. Vamos lá?

A - Só quero ver

B - Eu também. Apaixonada do jeito que você está...

C - Só pelo bigode

A - Já fui muito além.

B - Da paixão?

C - Do bigode?

A - Vocês não tem outro assunto?

B - Sabemos que não

C - Não sei de nada.

A - Você é mesmo do contra, hein, Carol?

B - Calma, gente. Precisamos ouvir a campainha.

Carol - Se ela tocar.

A - Vai tocar. Ele precisa da gente, não precisa?

B - Acho que é contrário, Adriana. Precisamos dele.

Carol - Preciso do bigode dele.

Adriana - Pode-se saber pra quê?

B - Pra sonhar com o Omar Sharif

Carol - Outra vez?

Adriana - Por que é que você não pega uma foto do Omar Sharif, põe na bolsa e sai com ela por aí? Dorme junto, almoça, toma banho?

B - Essa história começa a ficar interessante, mas eu prefiro o José Wilker.

Carol - Deus me livre! Esse cara só sabe ficar com a mão no queixo. Além disso, não tem bigode.

Adriana - Depende do papel.

B - Que nada! O José Wilker é o cara mais charmoso do mundo. Põe qualquer Omar Sharif no bolso. Vocês já repararam na voz dele? A gente vai pras nuvens!

Carol - E depois leva um tombo sem tamanho, não é? Deixa de ser besta Bia. Já que é pra sonhar, sonha pra valer. Agarra logo o Omar Sharif que, entre outras coisas, não nasceu no Brasil.

Adriana - E onde foi que essa maravilha nasceu?

Bia - Sei lá

Carol - No Egito, queridas. Vocês por acaso já viram algo mais original?

Adriana - Só o bombeiro salvando a Bia do incêndio.

Bia - Você tá com inveja do meu sonho, sabia? E agora lembrando ainda melhor, não era bombeiro nada. Eu só não queria contar ora não ter que dividir a emoção com vocês. Quem me salvou foi o José Wilker, em carne e osso. Com aquela voz e tudo.

Carol - Não me diga!

Adriana - Será que ele nasceu lá na Globo?

Bia - Não duvido nada.

Carol - Vocês são muito mais ignorantes do que eu pensava. Ele é cearense, igual ao Fagner

Adriana dando um pulo da rede: A CAMPAINHA!

Bia, ajeitando a franja com os dedos: Será que ele veio?

Carol, abrindo o portão do jardim e fazendo uma reverência: a cada é sua, VISITA!

Entram duas pessoas. Uma de bigode, outras com a mão no queixo.

Adriana, gaguejando: V-vocês D-dois???

Bia, tirando a mão dele do queixo: Do Ceará, diretamente pros meus braços!

Carol, analisando o bigode dele: Do Egito, diretamente pros meus sonhos!

Tá vendo, Pedro? O José Wilker apareceu de novo, e com a mão no queixo, mas você pode ficar tranquilo. Quem tá com sonhando com ele agora é só a Bia. Meus sonhos vão todos na direção da Serra do Curral, que ainda circunda Belo Horizonte, onde você fez o piquenique, ou convescote, um sanduíche, sol e sal.

M

eus sonhos te procuram. Te buscam, te querem. Não vou aí nas férias de julho. O dinheiro anda curto, fazer o quê?

Se eu fosse, o rodeio ia ser o das cidades históricas, como já te disse. E eu tinha também pensado em ficar um pouco aí em Belo Horizonte, vendo o festival de inverno.

Uma vez, em Campos do Jordão, participei de uma oficina de texto e achei um barato.

gente super interessante, mais velha do que eu, mais nova, da minha idade. Todo o mundo escrevendo. Advogados, estudantes, dona de casa, psicólogos, todo o mundo lendo o que escrevia. Corrigindo, curtindo. Se curtindo.

Ainda lembro alguns nomes: Jairo, Sueli, Edson, Patricia, João Bosco, Beth, Cristina, Ronald, Lúcia, Elias, Barbra, Heloísa, Zé Roberto, Cláudio.

A gente se inscreveu durante algum tempo, depois parou.

Não quero parar de te escrever. Nem de te pesar. Muito menos de Te gostar.

Te gosto, Pedro.

Também solta as mãos, completamente.

Ana T.

P.S. você escreveu no dia 29 de junho e perguntou se eu sabia que dia era. Pois você perguntou para pessoa certa. Sei essas coisas todas. Dia de São Pedro. seu dia, né? Parabéns, pô!

Olha, sei também:

13 de dezembro, Santa Luzia;

3 de outubro, Santa Terezinha;

4 de outubro, São Francisco de Assis;

13 de junho, Santo Antônio;

22 de maio, Santa Rita;

19 de março, São José;

20 de janeiro, São Sebastião;

25 de julho, São Tiago;

24 de junho, São João Batista;

15 de setembro, Nossa senhora das dores.

Sabia também São Cosme Damião e São Judas Tadeu, mas esqueci...

Beijão,

Ana T
São Paulo, 30-6-88

Décima carta - Pedro

Ternura de Ana – bom dia – hoje 22 – duas pombas namoram nos telhados de minha casa. Pedrita, a cadelinha de Clara, me espia da porta. O galo venceu Uberlândia de 5×1 . E o Botafogo foi campeão.

Ana ternurinha sempre aninha – vontade mesmo é cair na estrada e chegar até aí. Vontade mesmo é pegar carona no caminhão, carroça, bicicleta ou avião e aparecer inteiro nos seus olhos.

Ana T.

não vou dizer que fiquei emocionado com a sua carta. Não vou dizer que me deu vontade de te ver imediatamente. Não vou dizer que o coração bateu apressado e algumas lágrimas surgiram nos olhos. Não vou dizer que queria gritar seu nome pelas ruas, contar para Clara nossa correspondência, abrir com a turma e até beber cerveja. De repente sentir a mesma emoção de um gol, um gosto de picolé na boca e a promessa de festa de aniversário.

Depois saí andando por aí. Gastando tênis e esquinas. Solto. Sem pensar em nada. Sem ver nada. Até que você se acalmou em mim. Aí parei. Coloquei a mão no queixo deixei pensei muito solto. Livre. E sonhei com o mar, com a mansidão de Peçanha, com sua coleção de lápis. Sonhei com as cidades que você conhece. E tudo virou realidade. Afinal, vida é um sonho. A realidade é um pedaço da morte. Aí, Ana T., Resolvi esperar. Tempo ao tempo. Mãe sempre diz: “o rio não tem pressa em virar mar, porque sabe dos caminhos”. É isso. E depois é como diz o Pompeu: “a gente, quando ama, fica idiota”. Estarei amando?

Minha querida Ana – as pombas Continuam se bicando. Pedrita dorme. Estou mais leve depois que eu desabafo. Me desculpe a enxurrada de palavras. Era preciso. Meu coração transbordava. Transbordou. Rio gosta é de correr a geografia. Não gosta de represa. Assim também são os bichos, as ruas da cidade vizinhas interior. E

assim também deve ser o amor.

Não há mesmo jeito. Meu assunto é um só. Não consigo falar de outra coisa, a não ser o amor. E o que é amor? Talvez as pombas saibam. Não te enrolo mais, um beijão e aleluia!

Do

Pedro

P.S. depois de escreva contando as coisas da vida. Do dia-a-dia, do calendário. Por enquanto, fica o coração

Pedro

Décima quarta carta - Pedro

Querida Ana T.

Faz tempo que não te escrevo. Não tivemos férias. Os professores fizeram greve e agora estamos correndo atrás do prejuízo. Isso é justo? Sei que não ponto neste Brasil todo saem perdendo. Todos, não. Os que provocam os baixos salários não. Será que estou certo? A única certeza que tenho é que morri de vontade de te ver. Melhor. Te conhecer por inteira. Te conheço através da palavra ponto e palavra não tem corpo. Ou tem? Estou sempre perguntando e nunca respondendo. Sou de natureza inquiridora, daí as dúvidas e dívidas. estou te devendo uma palavra pela morte de seu amigo. Mãe e amigo deveriam ser mortais. Já que são eternos. E o que é a morte? É o fim de tudo? Vou te contar uma história verdadeira: vovó me levava para ver os aviões. As tardes eram bonitas e os aviões, passarinhos em gaiolas. Um dia vovó não veio. no outro não apareceu ponto passou uma semana ponto passaram duas ponto mas todas as tardes ia para esquina esperar o vovô e os aviões. Um dia, em vez de vovô, apareceu mamãe, que foi logo falando: “levo você para ver os aviões, vovó não vem mais. Vovô morreu”. “E por que não me contaram antes?” “queríamos te poupar”, falou minha mãe chorando. Aí chorei também. Para mim controlar ela disse que vovô hoje é um avião que se esconde atrás da Lua. Até hoje vou a esquina esperando que a lua traga vovô de volta. Hoje sei que os aviões nunca fugiram da gaiola e que atrás da lua não há aviões. e seu amigo gostava de aviões? Se gostava deve estar passeando com vovô no outro lado da Lua. Façamos um trato: É espero vovô e você espera um amigo. Um dia eles aparecem. Esperemos. agora, quando Nara morreu, para pai e suspirou e deixou escapar uma frase que fez ciúmes em Mamãe: “Nara morre e com ela os mais belos joelhos da música popular brasileira”. Engraçado alguém achar joelho bonito. E os seus? São como os de Nara? Sei que estamos vivos e Isso é ótimo. Sei que o mundo é redondo e nas voltas que ele dá poderemos nos encontrar. e como será esse

encontro? Será que haverá esse encontro? Perguntas, perguntas, perguntas. Hoje estou perguntador. E nas perguntas que eu faço, Só há uma resposta, que se chama saudade.

Beijos

Pedro
Belô, 8/8/89

Décima Primeira carta - Ana

S. Paulo, 28-6-89

Ah, Pedro,

Se eu não andasse triste nos últimos dias, sua carta teria me deixado nas nuvens. Li várias vezes, o coração batendo forte. E depois de um beijo demorado no seu nome, no fim. Acho que você também me beijou.

Bem de noite, dormi com ela debaixo do travesseiro. Fiquei pensando que isso talvez me ajudasse a sonhar com você. Não aguento mais de vontade de te ver. Não te vo. Não sonhei com você de jeito nenhum. Nem de camisa azul. Seria legal, não seria?

Guardei a carta na mochila e estou andando com ela para lá e para cá. Na escola, no ônibus, no supermercado onde foi comprar uns tomates para minha mãe fazer sanduíches preferidos do meu irmão. Acabei comprando caquis também. Você sabe o por quê.

Hoje à noite vou tirar a carta da mochila. Outro dia, minha professora de Inglês foi assaltada e levaram tudo. Documentos, talões de cheque, dinheiro, agenda, fotos, bilhetes.

Se levare sua carta, fico mais triste do que já estou.

Ando triste por muitos motivos. Nem sei se vou conseguir te falar tudo. Mas o principal você vai entender.

perdi um amigo, no último dia 10. Acidente de carro. Óleo na pista, abismo, hospital. Nada que pudesse ser feito.

Todo mundo gostava dele. Era um cara legal, para cima. Um cara que fazia bem para gente. Meio poeta, assim como você. Um dia, Sem Mais Nem menos, ele me disse: “Não há meio das coisas seguirem junto com o homem. ”

Quando ele me disse isso, não dei muita importância, nem entendi direito.

Agora, depois que ele morreu, essa frase fica diferente, não fica? parece que ele queria dizer outra coisa. O pior é que eu penso, penso

E não adianta nada, porque não tem mais jeito de conversar com ele. Outra pessoa que morreu foi a mãe de uma amiga minha. Semana passada, dia 23. Ela morreu no interior, mas a minha amiga vai mandar celebrar uma missa aqui e eu vou. Eu gostava muito da mãe dela e ela também gostava de mim. Vivía dizendo que rezava para mim num terço que eu tinha levado para ela, há muito tempo. Agora é a minha amiga trouxe o terço de volta, e eu lhe disse: “fica pra você”.

E tem também a Nara Leão, que o pessoal mais velho curti muito, não é? Lá em casa, meu pai e minha mãe só admite tirar o disco da Nara da “radiola” (minha mãe fala assim, você acredita?) Se for pra trocar por um do Paulinho da viola: “as coisas estão no mundo, só que eu preciso aprender”.

A Nara morreu dia 7. Três dias antes do meu amigo, que também gostava dela.

Meu pai disse várias vezes que esse mês de junho tá muito pesado . a professora de inglês também. Você sabe que, depois da bolsa, ela ainda ficou sem relógio e uma cordão de ouro? O pior é que foi aí em Belo Horizonte.

Ela foi visitar uns parentes e roubaram relógio dela na rua, à noite . Um cara passou correndo e, quando ela veio, o braço estava vazio. Poucos dias depois, não sábado de manhã, ela foi fazer compras (na praça Raul Soares, se é que eu entendi o nome direito) e ficou sem o cordão de ouro com coraçõzinho muito legal, presente do namorado.

Toma cuidado, viu? Guarda seu relógio e esconde o cordão, se você tiver. Outra coisa: você mora perto dessa praça Raul Soares?

Eu estava pensando em ir até aí nas férias, mas tô perdendo a coragem. E se sumirem comigo?

Minha turma vai fazer uma excursão nas cidades históricas, e talvez fosse uma boa, não?

Preciso conversar em casa, ver se o dinheiro dá, essas coisas.

Eu queria tanto te conhecer. Começar a trabalhar também. Já pensou que barato ter o próprio dinheiro? Viajar, comprar discos, livro, chicletes, o que te der na cabeça?

Se eu for aí, como é que te encontro? Tenho seu endereço, é claro, mas acho que me falta coragem para tocar a campainha da sua porta e dizer: “Sou a Ana”.

E se não for você do outro lado? E se perguntarem “Que Ana?” Se eu responder “Ana Ternura”, fica pior ainda.

Ninguém acredita que meu nome é de verdade.

Quando eu era pequena ia brincar de faz-de-conta, brincava de Ana T. Todo mundo achava que eu era de mentira. Quer dizer, que a ternura era de mentira.

Ando querendo outras brincadeiras. Sei que sou de verdade, que sonha e que fico triste.

Sei principalmente que também te amo.

Muita Ternura da

Ana T.

Décima quinta carta - Ana

Pedro, querido (não, assim é muito sério);
Pedro, meu amigo (não, assim é formal);
Pedro, meu caro (piorou!...)

Pedro, meu amor,

Te recebi hoje, depois de mais um mês de silêncio. Sua penúltima carta era do dia 29 de junho dia de São Pedro, lembra?
Hoje é dia 10 de Agosto. Nunca soube dia de quem. Amanhã é dia do estudante, mas não adianta nada ponto nem o feriadinho, ao menos. chata você não ter tido férias. Eu tive, mas fiquei por aqui mesmo, sonhando com a Serra do Curral, as cidades históricas, e o festival de inverno.

também morri de vontade de te ver. Te conhecer inteiro.no piquenique ou no cinema.

A gente não se conhece apenas através da palavra. da letra também. sabe que você tem letra de professor? Parece que você vive escrevendo na lousa, que aí em Minas chamam de quadro-negro. Quem me contou foi a Malu, lá em Cabo frio. Nós estávamos escrevendo umas coisas na areia e ela disse: “praia é melhor que quadro-negro, porque a água apaga pra gente”
minhas palavras apagadas pela água foram:, Sarney, avião, liquidificador, fila, motor.

As da Malu: ordem, progresso, hepatite, banana.

Naquele dia, como você na penúltima carta, a Malu me desafiou: “vamos brincar com as palavras?”.

eu devia relacionar palavras que me deixassem nervosa, enquanto ela e numeraria as amarelas. Deu no que deu.

Quais são as palavras que te deixam nervoso?.

Voltando a sua letra, sabe que já me acostumei com ela? Com envelope também, é sempre do mesmo tamanho e com os papéis coloridos, do caderno que sua amiga te deu, né?

Como é mesmo o nome dela? Você me disse isso numa carta ou eu

sonhei?

Você é doido meu prédio pode estar com meu cartas na mão. Conheço a sua de longe. “essa aí é minha”, adianto. Nunca errei. No meu prédio moram 68 famílias. Se cada família foi de cinco pessoas, são 340. Se cada pessoa receber uma carta por semana, Já pensou? E se receber duas?

A história do seu vô me emocionou. Você disse que meu amigo gostava particularmente de aviões, você talvez acho que eu estou mentindo. Não estou.

Se eu te dissesse, ainda, que ele foi até piloto, você talvez tenha certeza de que estou exagerando. Não estou.

Os dois devem estar voando por perto.

Olha, Pedro, já que o mundo, por enquanto, continue redondo, não vou te falar sobre meus joelhos.

A gente vai se encontrar, não vai? Bem que, se você não fugisse de mim, já tinha me visto inteira há muito tempo. Desde o dia do sonho com biquíni azul.

Escuta, porque é que você não dá um jeito de aparecer por aqui? Não vai encontrar Serra do Curral nem cidades históricas, mas a gente pode fazer um piquenique no pico do Jaraguá, por que não? E ainda tem o pátio do colégio e a rua dos Aflitos, no bairro da Liberdade. uma rua que termina numa igreja incrível, só que não conheço ninguém que sabe o nome dela. A gente vai lá e acende uma vela. Tenho duas amigas que vivem fazendo isso, dizem que dá sorte. Uma delas mora aqui, é a Sônia. A outra, Magda, e daí. Você conhece alguém como esse nome aí?

Se você ficar com saudade das antiguidades mineiras vamos ao Embu, pertinho. Lá tem um antigo convento restaurado a pouco tempo, super bonito e domingo tem feira de artesanato com gentes criativas e interessantes.

Às vezes fico pensando em você e achando que a gente vai acabar se conhecendo numa praia. Mineiro é muito ligado em mar conta aqui tem, viu? E também, Ubatuba, Cananéia.

Cananeia uma palavra bonita, não é? Não me deixe nem um pouco nervosa. Me deixa com saudade.

Ana
São Paulo, 10-08-89

Décima segunda carta - Pedro

Olá, Ana!

Está carta não tem pé, tampouco terá cabeça. Só não falará de amor. Do pouco um tudo. De tudo um nada.

Me espera a resposta das leréias da última carta. Terei resposta? Minha constituição está pronta e acabada. É simples. Prática, leve e única. Tem apenas um artigo e é o único: Pedro deve amar Ana acima de qualquer ordem ou progresso.

Inventa uma história. Quatro personagens (contando com o que chegará). Caberá a você terminá-la e dar nome, cor e alma aos personagens.

A —Será que ele vem?

B — (olha para A e não responde)

C — e se não vier?

A — ele prometeu

B — promessa não é dívida.

C — gosta dele de bigode.

A — (olha para C com reprovação) ele nunca usou bigode.

B — O bigode suja a cara.

C — ele de bigode fica lindo. Parece com Omar Sharif.

A — Se ele vier de bigode não olho para sua cara (a cara dele)

B — Não se preocupe. Provavelmente não virá.

C — Ele vem e vem de bigode . Tenho muita certeza. Até sonhei com o Omar Sharif.

A — você sonha demais.

B — sonhar é bom. Uma vez sonhei que meu quarto pegou fogo. Já estava sufocada quando eu chegar um bombeiro grandão e me salvou.

C — O bombeiro tinha um bigodão?

A — Ele já está atrasado.

B — Não me lembro se o bombeiro tinha um bigodinho ou bigodão.

C — Faz força que o sonho reaparece. Quero bombeiro com bigodão.

A — Da última vez esperamos horas e horas e ele nem telefonou

B — Já estou lembrando, o bombeiro não tinha nem bigodinho nem bigodão. Aliás nem era bombeiro, era uma bombeira.

C — Ah!

A — Mas virá hoje. Não ganharemos bolo.

B — Adoro bolo com creme de *chantilly*.

C — se vier sem bigode, não recebo.

A — ...

(Senhoras e senhores, o espetáculo continuará sob a batuta da muito querida e formosa Ana T. Não percam o próximo capítulo de *A visita*. Fica uma pergunta: Será que ele vem?)

De Sting, Raoni, Sabiás e Curiós vem a moda. O hoje agora. Melhor ULTRAJE A RIGOR Será que tava de tacape, farofa de Formiga aipim, tabaco e cocar. Tudo isso na cor verde desbotada. E quando eu morrer pedirei a papai do céu para passar a semana no céu e o fim-de-semana no inferno.

Ana T. T de Ana. Teana. não conheço mar. Montanha. Domingo na Serra do Curral (esta Serra ainda circunda a minha Belô — as multinacionais estão doidas para acabar com ela e com a cidade) fizemos um piquenique.

Um convescote. Convescote? Apesar da palavra, foi legal.

Legalíssimo. Mar não há. Ar de montanha é fundo de mar. É escasso. Pouco. Senti-me naufrago. Afogado no pó de minério. Mergulhei nas suas ondulações. Montanha há. Mistério e silêncio. Pensamento voou. Qual gavião. Buscando as grimpas, as nuvens. Mergulhei no seu mar. No seu ar. E lá e cá estava você no meu convescote (Argh!) Rindo, comendo sanduelo elo de mortandiche, dizendo que gosta de Cae e Pink Floyd. Tempão de conversa. Cara-a-cara. tirei as mãos do queijo, digo queijo. Mas você não tirou. Quase um beijo. Tudo para depois. E depois?

Mulher. Moça. Menina. Montanha vira mar. Sol. Sal.

Um pedaço de mulher que cabe no biquíni azul lá no Cabo Frio.

Noite. Agora é tudo igual: mar, montanha.

Brasil vota Presidente. Eu voto. Você volta? Não quero jogar meu voto fora. Quero um presidente com a mistura do tatu-bola, onça-pintada, coruja olho de águia, tamanduá, lobo-guará, Cascavel e carcará. E a China? olhos apertados, cabelos lisos, praça celestial, tanques, tanques, soldados, soldado, soldados, soldados.

Em nome da Liberdade mata-se muita gente. AIDS, amor, sexo. Até
de amor se morre. Paixão. Paz. Você morreria?
Só saudade. Sol. Montanha. Mar.
Com as mãos livres e soltas

Um
Beijão do

Pedro
Beagá, 29/06/89

P.S. Sabe que dia é hoje?

O contador de histórias, Pedro

(16°)

Ana querida

era uma vez um menino que morava numa cidade rodeada de montanhas. Esse menino chamava-se Pedro ia votar pela primeira vez para Presidente. Este Pedro gostava de ouvir histórias imaginava que depois da montanha variam em encantado banhado pelo mar. Pedro conhecer uma menina de nome Ana. Mas Pedro nunca viu Ana e Ana nunca viu Pedro. Eles se conheceram através de cartas. pedriana gostavam de escrever. E escreve sempre ponto e sempre desejam conhecer mais o outro.

Pedro sonhar com Ana no biquíni azul na praia de Cabo frio. Embora Pedro não conheço mar ponto Pedro faz do sonho uma realidade . Ana conhece o mar, mas não conheci Minas ponto em Minas residem sonhos de Ana.

Ana tem o nome diferente ela se chama Ternura. Pedro nunca viu Ana, nunca ouviu Ana sabe, através das cartas, que ela é a própria ternura .

Pedro não sabe é cordiana. Não sabe a voz de Ana. Não sabe os segredos de Ana.

Ana sabe o tamanho de Pedro. Ana sabe Pedro através da amiga. Ana imagina Pedro. Pedro é um sonho Bonito de Ana.

Pedro quer ver Ana. faz um plano: ir a São Paulo ficar na esquina da rua Diana e surpreendê-la quando da sua saída do prédio. Mas Pedro não conhece Ana e como vai ser?

Ana sabia que Pedro adoraria conhecer o mar, por isso imagina Pedro como peixe azul furando ondas no infinito dos mares.

Pedro curte montanhas e palavras e acha gostoso quando lê em Ana a expressão “Te gosto”. Ele acha que nunca falaria deste modo, mas até sonha com a boca e a voz de Ana dizendo: “Te gosto”.

Por que Pedro não telefona para Ana e descobre toda sua verdade? Será que Pedro não sabe que Ana tem voz macia e calma?

Ana conta para Pedro que em seu estado à praia cê praias e os nomes encanto Pedro: Itanhaém, Ubatuba, Cananéia.

Pedro sabe que esses nomes não se limitam apenas o geografia. Eles deixaram nas ondas e areia do nome de Ana T.

Ana pergunta muita coisa para Pedro. Quer saber quem deu o caderno colorido para Pedro. Quer saber se Pedro conhece Magda e Sônia.

ela é mulher ponto e sendo mulher vasculha com exatidão a alma de Pedro. e Ana sabe que Pedro é curioso e convive com as montanhas e história de Minas. Ela disse que sua cidade tem um pico de Jaraguá, tem um pátio do colégio, rua dos Aflitos e um bairro que se chama Liberdade.

Hidroxila entre a montanha eo mar; na dúvida, quer Ana.

pedriana vive um tempo difícil. A muito computador, televisão, vídeo cassete, restaurante, parques, carros. Mas também é muita pobreza, favela, fome, mendigos, pivetes, políticos.

Pedriana vivem um tempo sem censura onde o corpo uma vitrine e está nu.

Anne Pedro convivem com palavras perigosas dos pontos Liberdade, emprego, reformas, dinheiro, amor e Aids.

Pedriana sabe que encontro é uma esperança. E Pedro mais do que Ana sabe que “a esperança é um segredo que se revela no encontro” Por que copiou este verso de um jornal e sabe de cor.

Ana e Pedro tem tanta coisa para contar e precisariam das Mil e uma noites para caber tanta prosa isso segredos .

Pedro é mineiro ponto e corou quando leu “Pedro, meu amor”. Pedro talvez não tivesse coragem de dizer essa expressão com tanta naturalidade, embora saiba que seja expressão do seu coração.

Pedro esquece suas raízes tímidas e do alto da Serra do Curral grita:

ANA, MEU AMOR!!!

*Mineramente, Pedro
Belô, 31/8/89*

Décima sétima carta - Ana

Pedro, meu amor,

quero te dizer que meu pai morreu. Estou triste, cada dia mais ponto penso nele quando estou em casa, na rua, na escola, lanchonete, na fila do banco .

minha mãe chega do trabalho com os olhos vermelhos e o meu irmão procura menos os amigos .

A casa não ficou vazia, mas é como se faltasse um pedaço.

Meu professor disse que a gente se acostuma, que o tempo resolve essas coisas.

meu pai morreu na cadeira de balanço, conversando com a minha mãe falando em eleição. Ele ia votar no Roberto Freire.

um dia, na hora do almoço, disse que estava querendo votar no Covas. Ele riu muito, dizendo: “o Fernando Sabino tem razão, quando diz que o mundo está de cabeça para baixo. Você, com 16 anos e votando pela primeira vez, volta no conservador. E eu, com quase 50, voto no comunista”

Ele se esqueceu de dizer que votava pela primeira vez também. Para Presidente, Claro.

Logo que ele morreu, fiquei pensando em votar no Roberto Freire. No lugar dele, não é, Pedro? Em homenagem a ele.

Mudei de ideia se eu voltar por ele, quem vota por mim?

se ele estiver entre as nuvens, com seu avô e aquele meu amigo, deve estar torcendo para eu votar no Covas para eu conservar meu jeito conservador. talvez mais tarde eu me torne uma revolucionária, quem sabe? Mineiro conta em quem vota? Eu queria saber quem é o seu candidato.

Ontem, na Caixa econômica (minha mãe me pediu para resolver umas coisas lá para ela) , o pessoal começou a reclamar da demora, da fila que não andava, de tudo. Um cara de 50 anos começou a falar mais alto que os outros, como se fizesse um comício.

Disse que o Brasil não tem solução que geração dele recebeu dos pais e avós um país melhor do que o que estamos recebendo. Que aqui

existem três raças, todas começadas com M: a dos milionários, que abusam as militares, que controlam, e a dos miseráveis, que sofrem e pagam as contas.

Do lado de dentro do guichê, ou a moça disse que as coisas vão melhorar depois das eleições. Que o Brizola vai ganhar em mudar o país.

Ele disse que admirava a juventude os entusiasmo dela mas que ela não tivesse ilusões. Depois que passasse para o lado de lá, Brizola (ou qualquer outro) mudaria de atitude com tranquilidade com que muda de camisa.

O que você acha?

a última carta é muito bonita ponto de muitas vezes. Se meu pai não tivesse morrido, ele ele mostrar, porque você faz uma espécie de resumo da história da gente, né? e eu andava a fim de falar de você com heliponto principalmente depois que você disse que estava pensando em vir aqui.

tenho saída e entrada no prédio prestando mais atenção nas pessoas uma delas pode ser você. Outro dia, dia de noite, eu voltava da aula de inglês quando vi um cara conversando com o zelador, na portaria. Meu coração disparou. “é ele” , pensei ponto dei uma ajeitada na franja (com a mão), tirei os óculos (já te contei que uso óculos?). era o namorado de uma garota do 5º andar. Um cara legal, sabe? Se você for parecido com ele, vou gostar.

ah, Pedro, sabe que você me faz bem? Gosto de te escrever, de imaginar. Gosta de falar de mim vírgulas e meus sonhos e medos . sonho com você, mas ando com medo de você morrer conversando comigo sentado numa cadeira de balanço.

Bobagem, né porque eu tô interrogação não é possível a mesma coisa acontecer duas vezes, quase do mesmo jeito. Além disso, nem sei se algum dia a gente viver junto.

seja como for, acho que ainda vou te escrever muitas cartas. Tenho milhares de troços para te contar.

Quero te falar dos meus amigos, da minha família nas músicas que eu curto, dos livros.

Quase ninguém da idade da gente gosta de ler, né? Somos exceção. Você já leu um livro chamado *Judas o obscuro*? Eu ainda não li, mas era um dos preferidos do meu pai ponto aqui em casa tem. Posso te emprestar, um dia. no vôlei tão cedo ponto andei dando uma olhada e achei meio pesado. Não do vocabulário, nada disso. É triste, sabe? Denso demais, tenso demais. Vou dar um tempo.

Prefiro ir ficando com os meus conhecidos: *João Ternura, Nunca te vi... Sempre te amei, A vingança do Timão, O apanhador no campo de centeio.*

O livro maior que eu já li foi minha vida, a biografia do Charles Chaplin. Você já leu? Fiquei fascinada. Tenho mania de biografias pontos já li a da Shirley maclaine, da Agatha Christie, a da Dina Sfat também.

ah, e gosto de diários. Desde aquele da Anne Frank, dos tempos do nazismo, até os dias de hoje, que tem por diárias e de preocupação ecológicas.

Você disse que eu sendo mulher, vasculha com exatidão Salma. Achei isso muito bonito. Tanto que vou vasculhar mais. Quero saber de que jornal você tirou aquela frase: “a esperança é um segredo que se revela no encontro”.

Estou desconfiada que você tirou isso foi de você mesmo, que é meio poeta. E tá sem coragem de dizer.

Outra coisa: gostei do “Ana, meu amor”, mineiramente, no final da carta. Que imaginei vermelho, tímido e que estar perto, te olhando fundo nos olhos e dizendo: “te gosto”.

Te gosto tanto que vou te confessar uma coisa: meu pai foi antes da hora por todos os motivos. Mas principalmente por dois: não ter votado no Roberto Freire, como ele queria, e não ter sabido de você, como eu queria.

Fico te esperando na entrada na saída do prédio. Não sei com que roupa vou Star, porque não sei quando você virá. também, tudo isso É desnecessário tenho certeza que você vai me conhecer. Acho até que você já me conhece muito tempo.

Ternura pra você.
Ana

**P.S. você disse que convivemos com palavras perigosas:
Liberdade, empregos, reformas, dinheiro, amor e AIDS.
Nenhuma delas é tão perigosa quanto à morte.**

Beijo da
ANA T.

SÃO PAULO, 20-09-89

Décima oitava carta - Pedro

Querida Ana

A gente nunca imagina que as nossas pessoas um dia morrem. A morte é tão natural para os outros, mas é terrivelmente dolorosa para com os amigos e parentes. Morrer em evitável. É palavra que se divirta mas não há meio de ignorar. Melhor pensar que somos adubos, sementes vírgulas folhas, raízes e futuras árvores e que depois do inverno vem a primavera e a promessa de festa no coração. seu pai era a própria natureza e deve estar agora compreendo seu face de pássaro. seu amigo, meu avô e ele deve estar passeando no azul das nuvens, tenha certeza.

Esses dias andei lendo o autor do faroeste (leio tudo que cai na minhas mãos). O livro se chama *a montanha do tesouro; É de Louis L'amour*. E lá achei essa justificativa para ausência do seu pai: “quando o homem vive de acordo com a natureza passa a encarar a morte como parte da vida, ver as folhas caírem e apodrecerem para preparar o solo para outras árvores e plantas nascem as folhas capitão a energia do sol e da chuva, vivem dela, e depois devolvem-na ao solo quando morrem. Sua vida é apenas tomada emprestada dos outras coisas; usam pequenas parcelas de sol, terra e chuva por algum tempo e devolvem com a chegada da morte. E o ciclo recomeça, infinitamente”.

é isso, Ana. Seu pai não morreu, ficou encantado. Como quero mago dos Guimarães Rosa. Pena que está em viagem. Gostaria de conhecê-lo.

Vou te contar um segredo: votar no Lula, é um cara igual a gente ponto e você já pensou poder interrogação Um ex-operário, presidente do Brasil?

Pensou no slogan: “Lula na presidência e eu no hall do seu prédio”. Estou juntando uma grana para aparecer aí. Não dá para esperar mais.

E quando você vir um cara sem saber onde colocar as mãos, de olhar assustado, com livro debaixo do braço, não tenha dúvida, esse cara é

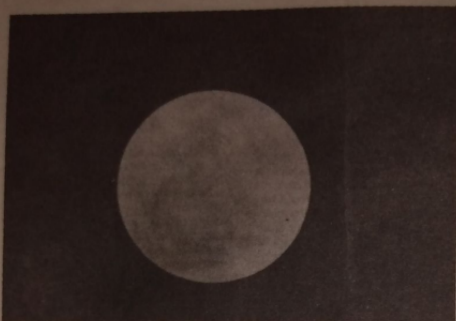
o "Pedro penseiro, o Pedro mineiro". e Pedro espero que você não faça muitas perguntas e tenha paciência que o sujeito de cabra cismadores sonhador. Depois Pedro ficar à vontade vai se revelar um autêntico ou tagarela e o tanto que você vai até acreditar que o tempo faz barulho.

Ana, vou te revelar outro segredo. Gosto de escrever uns versos, uns textos ainda não tive coragem de mostrar para ninguém. Uso pseudônimo e assim continuo inédito e anônimo. Aprende a técnica do "Silk screen" e é com ela que espera arrumar a minha carta de alforria. Estou fazendo camisetas com dizeres e versos meus. estou vendendo essas camisetas no colégio e em feiras ponto fiz uma para você. É sobre o eclipse. Segue a estampa e o escrito, ou seja, a arte. A camiseta, espero entregá-la pessoalmente.

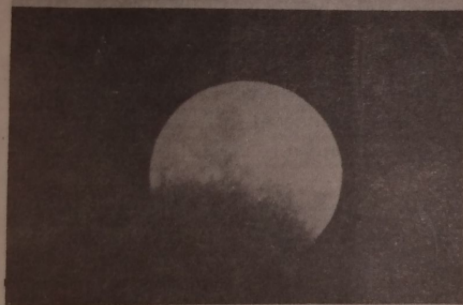
Beijos e beijos e aleluia

Pedro
Belô, 29-09-89

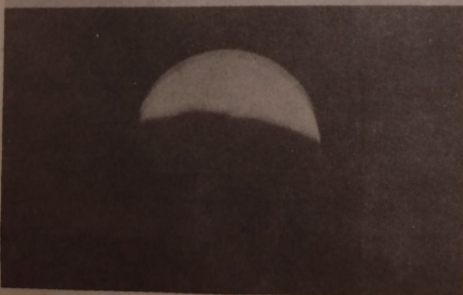
eclipse



Estamos
perdidos
em mim



Estamos
perdidos
em ti



Estamos
sempre
no outro

Big Ben

Décima nona carta - Ana

Pedro,

Sabe o que eu fiz domingo? Visitei meu pai no cemitério. Estava fazendo um mês da morte dele.

Levei sua carta dentro da bolsa. Tinha pensado que ele gostaria de ouvi-la. Eu só não sabia se devia ter em voz alta ou bem baixinho. Nem precisou. Quando chegamos lá (minha mãe e meu irmão também foram) levando as flores que ele preferia, senti que ele poderia ler sua carta sozinho.

Ele gostava de ler, já te disse. E gostava de cartas, sempre gostou. E iria gostar de você, se tivesse te conhecido. Ficamos lá por algum tempo. Fiquei pensando naquelas pessoas todas adubando o nascimento das próximas, como você disse. Gostei de pensar assim. Meu pai tinha um sítio aqui perto e, muitas vezes, acordava cedo e plantava, regava, adubava. Nada mais justo, então, que se transforma em raiz, irrigação, energia.

Te agradeço pela carta e pelo jeito novo de ver as coisas. Me sinto uma semente germinando, sabia? Crescendo, saindo da terra. E te esperando. Não quero te perguntar quando você vem, mas quero que venha.

Te juro que faça poucas perguntas. Gostaria de não fazer nenhuma, mas para que prometer uma coisa que sei que não vou cumprir? Sou perguntadeira, sempre fui. Vou guardar as perguntas na bolsa, junto com a sua carta (sempre ando com sua última carta na bolsa).

Talvez você faça como meu pai e descubra o que o meu silêncio diz no canto de uma bolsa fechada.

Quando você vier, sabe que nós vamos fazer? Pegar o jornal e olhar, um por um, todos os filmes de todos os cinemas. Em algum deles deve estar passando *nunca te vi... Sempre te amei*. E aí a gente vai, não vai?

Eu te levo. Ou você me leva. Sabe o que mais? A gente procura um lugar bem legal para conversar. Um lugar, sei lá, pequeno, gostoso. Onde você fique à vontade para se revelar “um autêntico tagarela”.

Quero acreditar que “o tempo faz barulho”, sabia?

Essa sua inspiração me lembra um livro que meu irmão andou lendo, a pedido da professora: *o barulho do tempo*. Coisa de criança. Fala sobre o menino que quer ver o tempo passar e não consegue.

Bem que eu queria também. Só que era de outro jeito. queria ver o tempo voando nas horas ruins e parando nas legais. voando numa aula de matemática e parando numa sessão de cinema. Na última. Naquela em que a gente começa a ficar com sono, se encosta na cadeira ver fecha o olho e sonha. Mesmo com barulho de cinema, que não se esconde, como tempo. Qualquer um pode ouvir.

Quando você vier e nós fomos assistir *nunca te vi... Sempre te amei*, vamos na última sessão, tá legal? Quero me encostar em você. E sonhar com quem? Vê se adivinha.

outra coisa que a gente pode fazer essa aí por aí, sem rumo, visitando umas papelarias. Adoro. Mesmo sem comprar nada.

Será que você topa? Adoro entrar, mexer em tudo, descobrir adesivos (minha mãe fala “decalques”, sabia?) Selos, borrachas, lapiseiras, canetas, bloquinhos, papéis de cartas, tudo incrível!

Uma vez te mandei uns adesivos no cartão, lembra?

Coloquei sua letra no princípio e a minha no fim. **P e A**. Bonito, não? Pode ser **PÁ**, que é um troço super legal, e **AP**, abreviatura da casa de todo mundo que um dia bem pode ser também a da nossa, não pode?

A e P. Ana e Pedro.

Te falo essas coisas brincando, ainda que te goste muito.

Não sei se quero morar com alguém. Acho que não. Quero só namorar. Quero dizer assim: esse é o Pedro, meu namorado. Mais fácil, não é? Muito mais.

Tenho medo dessas coisas que precisam durar sempre. “até que a morte nos separe.” Já pensou? E se os dois forem infelizes e não morrerem? vão ficando cada vez mais infelizes? Pode ser que eu mude de ideia, mas por enquanto que sinto é muito medo.

Ah, Pedro, eu não vivia dizendo que te achava com jeito de poeta? Sua confissão, agora, me deixa duplamente Feliz: eu tinha razão e você ainda fez no poema (lindo!) Para mim.

Você viu o eclipse no dia 16 de agosto? Eu vi, apesar de dizer aqui em São Paulo nunca se ver nada, por causa da poluição e de outras desgraças. Vi tudo, do princípio ao fim.

O pessoal do prédio desceu para rua, uma garota até fotografou. usou mil lentes, ficou um barato. Ela mostrou para a gente, depois.

Ficamos lá embaixo até de madrugada, vigiando a lua e fazendo a conta da idade de cada Um no próximo eclipse, já no século 21. Adorei seu poema. Mostrei para Sônia, aquela garota que lê suas cartas, acho que já te falei dela. Ficou morrendo de inveja. Será que você não conhece aí em Belo Horizonte um *outro* poeta que queira se corresponder com ela? Se conhecer Me manda o endereço dele que eu passo para ela, tá legal? Não te mando antes o dela porque tenho medo de que você comece a lhe escrever. E aí, além de ficar sobrando, vou morrer de ciúme. Pois é, sou ciumenta. Pode ficar sabendo desde hoje. Obrigada pelo poema. Ando com ele colado no meu fichário. No meu pensamento também. Te espero e espero a camiseta.

Um beijo superciumento da...

Ana
Sampa, 7-10-89

P.S. sabe com quem sonhei ontem? Com Luiz Salles. Também, pudera. Li tudo sobre 65 dias em que esteve sequestrado e agora ele não me sai da cabeça. Nem quando durmo. Se pudesse, iria visitá-lo. Queria fazer milhares de perguntas...

Beijo.
ANA T.

Vigésima carta - Pedro

Ana sempre querida

A camiseta está fazendo maior sucesso. Já vendi quase todas. O importante é que a grana já dá para chegar aí. Com a venda das camisetas aprendi alguma coisa sobre as artimanhas do comércio. Sei, por exemplo, que sem capital de giro a coisa não anda. Virar capitalista é fácil. É só ter capital e competência. Não vejo a hora de ir à rodoviária e dizer para todo mundo ouvir: "quero uma passagem para São Paulo, vou ver Ana T.". O duro de tudo isso é que precisa de licença para viajar. Ainda sou de menor, embora vote para Presidente. E como explico para pai e mãe que vou a São Paulo? Há jeito para tudo. Viro lobisomem se preciso. Vento ou fumaça caso queira. E como assunto é nobre, tudo é possível.

Só não posso dizer o dia em que vou, porque, contanto empecilho pela frente, fica difícil prever as coisas.

Ah, Ana, tem uma novidade que quero contar sobre a camiseta e sobre o poema. Tia Ivany tem uma confecção e achou legal a ideia da camiseta. E quero investir em minha/nossa ideia e criar uma outra camiseta mais produzida e sofisticada, para um público diferente. Essa minha tia é um barato e o nome da sua confecção é de dar água na boca: "BATAUÁ", palavra indígena que significa "**palmeira**". E vai ser com a tia Ivany que vou conseguir sair de Minas gerais. Ela vai me dar a carta de alforria. Aí podemos passear sem rumo pelas ruas. E nos perder nas ruas e adivinhar as esquinas. E, se possível me perder em você. Topa??

muda de assunto. Você já sabe da minha mania que é escrever e me esconder sob pseudônimos. E agora quero revelar a história do Big Ben, que assinou o poeminha do eclipse. Conto para você como o Big Ben entrou em minha vida, em nossa vida. A história inventada. Conta um sonho muito estranho que tive com meu pai. Quem sabe este pai que é personagem e sonho não é seu amigo, o seu pai, ou meu avô? Vamos a pescaria, isto é, à história, que se chama "Fisgando a vida"

Fisgando a vida

A lua redonda e Clara iluminava o Rio. Meu pai, de repente, sai de seu silêncio e resmunga: "porcaria de Brasil".

Meu pai ali, anzol e linha, e nada de peixe. "Droga de rio, acabaram com tudo"

- porcaria de Brasil? - perguntei. - você não gosta do Brasil?

-quando a gente chega de porcaria o Brasil, a gente não está xingando a terra do Brasil, os rios do Brasil, os animais do Brasil. A gente xinga as pessoas que destroem as coisas do Brasil.

- Sei - respondi, embora não houvesse compreendido bem explicação de meu pai.

Como é que se pode xingar alguém que a gente gosta? Pode sim.

Agora sei que pode. também o meu Atlético mineiro quando perde.

Fala até palavrão. E depois os olhos enchem de água e fico perguntando para mim porque o time da gente perde. Dá vontade de nunca mais torcer, de nunca mais ir ao campo, de largar tudo.

Queimar as camisas e as bandeiras. A gente diz "porcaria de time", mas depois se arrepende e, quando se vê, estamos de novo torcendo e gritando, e o nosso time é o melhor do mundo.

- Sei, pai, Sei sim - respondi com convicção.

- Os Gringos chegam, comem tudo, acabam com tudo, ficam riquíssimos e depois vão embora.

- E quem são os gringos

- Gringos são os que prejudicam os outros.

- Pensei que fossem estrangeiros - Falei, puxando conversa.

- A maioria vem de fora. Mas há muito brasileiro que é gringo.

- Mamãe é gringa? - perguntei, só pra provocar papai.

- Às vezes - respondeu. - Às vezes - Falou rindo. - Você sabe quando ela é gringa, não sabe?

- Claro, claro que sei quando mamãe é gringa. É quando ela exige que eu lave os olhos. Faça o dever de cada. Durma cedo, essas coisas.

- Agora, ela sabe quando também somos gringos, não sabe?

- Poucas vezes somos gringos, não é verdade?

O meu pai riu de minha resposta.

- Quem mais é Gringo?

- Uma porção de gente - respondeu meu pai, querendo encerrar aquela prosa. E pegou o fumo e a palha e começou a fazer um

cigarro. Insisti na conversa:

- Os bandidos do faroeste são gringos?
- Claro que são.
- E Emília?
- Qual Emília?
- A do sítio do Pica-Pau.
- Ah, Emília, apesar de boneca, nunca foi gringa.
- E os Beatles?
- Também não
- E o dono da Fábrica no outro lado do rio?
- Esse é gringo duas vezes.
- Duas vezes?
- Duas vezes. É gringo por não ser brasileiro e gringo porque está prejudicando os brasileiros.
- Mas a fábrica não é coisa boa? Seu Isidoro peixeiro me falou dos empregos que ela dá.
- Ele dá e tira. Tira mais do que dá.
- Que conversa mais maluca, pai.
- Ele dá emprego para umas 100 pessoas e no entanto o esgoto de sua fábrica é cheio de material químico que mata os peixes e assim ninguém mais pode pescar e comer o peixe. E temos milhões de pessoas que vivem de peixe. Está vendo aquele riozinho que deságua no rio? - Meu pai apontou com o dedo, um braço de rio. - Pois é, aquele riozinho tinha 20 metros de profundidade. Era onde os surubins subiam para a desova. Hoje aquele riozinho tem apenas 20 centímetros, o resto é lixo da fábrica, detrito químico, e nenhum Surubim desova mais.

- Que sacanagem!

Meu pai riu de minha expressão e completou:

- Grande sacanagem!
- A professora de geografia é gringa?
- Não sei. Não a conheço.
- Ela fala igual ao senhor.
- Será?
- Isso da Fábrica, dos peixes.
- Sei. Então aposto meu molinete contra seu time de botão que ela não é gringa.
- Aposto não.
- Você gosta dela?

- Gosto.

- Gosta da professora ou da geografia?

Não pude mentir. Fiquei vermelho. Meu pai entendeu. Passou a mão em meus cabelos e, satisfeito, falou:

- Seu safado!

Contra ataquei perguntando pro pai se o Brasil tinha jeito. Ele ficou pensativo. Fumou a palha, tirou o chapéu, coçou a cabeça. Olhou para mim. Olhou para o rio. Balançou a cabeça e, em vez de me responder, perguntou:

- Por que você pergunta isso?

- É que...

- Já sei, a professora de geografia falou uma porção de coisas sobre a devastação da natureza, sobre a poluição dos rios e do ar, sobre a matança indiscriminada de animais, sobre a reforma agrária. Falou ou não falou?

Respondi perguntando:

- E como sabe que ela falou isso?

- Claro que sei - falou meu pai orgulhoso. - Ela não é gringa, ou é?

- Claro que não - respondi prontamente, defendendo a minha professora.

- Então seu time de botão é meu.

- Ah, pau, eu não apostei.

Meu pai riu gostoso e mudou de conversa:

- Vamos tentar mais uma vez?

- Claro!

E fiquei de anzol em punho pensando nas coisas todas da vida. Nas coisas da professora de geografia, no rio que não dava mais peixe. Era tudo tão confuso. Tão complicado que antes eu achava tudo fácil: brincar, comer e dormir e agora estava sabendo que não é só isso. E eu ali na beira do rio, ao lado de papai, tentando, pela primeira vez, fisgar a vida.

Papai, que até então estava alegre, ficou amuado. Passou a mão no rosto muitas vezes. Olhava para mim querendo falar alguma coisa. Mas não falava. Peguntei:

- O que há, pai?

- Nada, filho, você não tem culpa de nada. É que estou apertado.

Perdi o emprego. Mas as coisas vão se ajeitar. Tudo é possível.

- Posso ajudar?

- Carece não. Há uma coisa que preciso te falar, mas não sei como. A vida poderia ser apenas rio, peixe e rio. Mas não é.

- Mas poderia ser, né, pai?
 - Não é. E você precisa saber que...
 - Já sei. Mamãe me contou. Irmã Sol, prima de mamãe, arrumou um colégio interno.
 - Sua mãe é gringa mesmo - falou meu pai rindo e, ao mesmo tempo, aliviado.
 - Tem galho não, pai. Big Ben vai comigo.
 - Big Ben?
 - Big Ben é um cara que inventei e ele vai comigo.
- Meu pai, todo animado e feliz, esticou a conversa:
- Me fale mais do Big Ben.
 - Big Ben é um cara legal, que dorme comigo, que almoça comigo, joga bola comigo e agora está pescando comigo.
 - E namora também a professora de geografia? -Caçooou papai.
 - Ai não. Aí eu desinvento o Big Ben.
 - Quero ver esse Big Ben.

Tirei do bolso uma folha amassada de papel e mostrei pro papai uma história do Big Ben.

- Nada mau. Com o tempo o Big Ben ficará melhor.
- Meu pai mudou o tom. Gostou do Big Ben, tenho certeza. E falou com tristeza na voz:
- sentirei sua falta.
 - Que nada. Colégio interno é o fino.
 - E a professora de geografia?
 - Sei não.

Tudo era sonho, aventura, descoberta. Pena a professora de geografia não ir. Big Ben iria: eu não estava só. Mas meu pai estava triste. A tristeza de papai era do tamanho da lua, que não parava de iluminar o rio.

Gostou? Demorei dias e noites para escrever essa história. Escrever é ter paciência e esperar. Um dia a história acontece. Agora o que preciso mesmo é me encontrar com você no escuro do cinema pra ver o filme do nosso encontro.

Beijos
Pedro

P.S. Você me disse da dor do sequestro do Luiz Sales. Acho uma violência esse nosso mundo. A miséria ao lado da especulação dos

poderosos é que provoca essas coisas. E para amenizar esse papo acho que vou sequestrá-la e guardá-la no meu coração.

P.S. Pompeu, que lê a nossa correspondência, achou legal a proposta de Sônia. E Pompeu quer logo começar a viagem. E é ele que quer escrever primeiro, por isso preciso do endereço da Sônia.

Pedro.

Vigésima primeira carta - Ana

Pedro, Pierre, Peter, Petrus,

sonhei com você chegando. Sonho lindo, sabia?
Em vez de você aparecer no “hall” (não gosto muito dessa palavra, prefiro “entrada”), em vez de você aparecer na entrada do meu prédio com um livro debaixo do braço, fui te esperar na rodoviária. Lá no terminal Bresser, onde chegam os ônibus de Belo Horizonte. Te reconheci na horinha em que te vi. Você desceu a escada do ônibus e me olhou. Eu olhei sua camiseta preta e li:

“sou bandeirante quanto te descubro
Mágico quando te invento
E pássaro quando te mergulho”.

Quando acabei de ler, a gente se abraçou.

Aí, você apanhou a mochila que havia caído no chão e disse: “depois te dou a camiseta do eclipse. Tia Ivany fez um embrulho de presente, legal, e a gente vai ver com calma. Isso aqui é muito confuso”. Achei engraçado você dizer que o terminal Bresser é confuso. Lá é tão pequeno, parece rodoviária do interior. Nem tem escada rolante... Meu sonho não disse, mas talvez você estivesse pensando em Peçanha, aquela cidade perdida nos sossego do mapa de Minas, lembra?

Puxa, Pedro, há muito tempo já que a gente se escreve, não é? Estive relembando nossas cartas (tenho só cópias das minhas, sabia?). A primeira é do dia 22 de Novembro e hoje é dia 19 de Outubro! Fiquei espantadíssima.

Será que somos pessoas tão interessantes assim?

Comecei a te escrever pensando em trocar cartões-postais, lápis, selos, essas coisas.

Você me respondeu falando em Atlético Mineiro, sorvete e beijo no cinema.

Acho que foi por aí que começou a me conquistar.

Menos pelo sorvete, mas pelo futebol e pelo beijo.

Não te contei na época, mas te conto agora: comecei a ler as páginas de esportes de todos os jornais. Meu irmão me olhando e não entendendo nada. Meu pai, corintiano convicto, dizendo: “e ainda diz que futebol é coisa de homem”. Minha mãe, mais atenta, arriscando: “Isso deve ser influência de algum rapaz!!!”.

Rapaz é uma palavra engraçada, não é? Meio fora de moda.

Depois, nas cartas seguintes, você foi continuando: biquíni, beijo apertado ecologia, passarinho, caneta, filósofo grego, mão no queixo, ciúme, José Wilker, “footing”, encontro, saudade, avó morrendo - vivendo nas nuvens, carta de alforria, planos, viagem, chegada, livro debaixo do braço.

Fiquei achando o maior charme essa história de livro debaixo do braço. Ninguém chega de viagem assim. Ou chega?

Não te contei na época, mas te conto agora: fiquei dias e dias, noites e noites tentando adivinhar que livro você traria. *João Ternura*? Seria o jeito mais evidente de você dizer “sou o Pedro”, não é?

As pessoas que não se conhecem costumam descrever as roupas que vão usar no primeiro encontro.

Não precisamos de nada disso.

Tenho milhares de maneiras de te reconhecer. Uma delas é o meu sonho de ontem. Basta um poema numa camiseta.

Outra seriam os livros debaixo do braço. Tantos, além do *João Ternura*.

Outra maneira sutil e inteligente seria uma caneta- tinteiro (Parker 51, de preferência) presa no bolso da camisa. Topa?

Uma outra, não tão sutil, mas certamente carinhosa, seria você aparecer na minha frente com uma caixa de caquis super maduros!... Já pensou que delícia?

Mais uma: você vir vestido com o uniforme do ATLÉTICO... Topa?

Outra: você vir fantasiado de filósofo grego. Com a mão no queixo, claro.

Só tenho um medo: você se esquecer de desinventar o Big Ben quando a gente estiver juntinho, no escuro do cinema.

Mesmo não sendo professora de geografia, quero você inteiro sem divisões nem misturas. E quero que você me queira do mesmo jeito. Pedro, sabe que eu achei um barato essa história de Big Ben? Pensei que você fosse dizer que ele era um lápis, porque você gosta de escrever.

Que nada. Ele é muito mais. É você andando no tempo. Porque Big

Ben é um relógio, não é?

Achei bonita a conversa do menino com o pai. Li duas vezes aquele pedaço em que ele fica vermelho por causa da professora de geografia e o pai passa a mão na cabeça dele.

Quando você vier, com livro debaixo do braço ou com caixa de caquis, você passa a mão na minha cabeça? Adoro quando me fazem isso.

Um dia, num táxi, eu estava super cansada. Era de noite, fazia frio e meu irmão estava comigo. Me encostei no ombro dele, ele me abraçou e ficou passando a mão nos meus cabelos. Parecia que ele era mais velho que eu.

Neste dia, isto é, nessa noite, fui no quarto dele na hora de dormir. Dei-lhe um beijo e passei a mão nos cabelos dele. No outro dia, na hora do café, senti que éramos muito mais irmãos.

Já que hoje estou te confessando coisas, quero te dizer que te invejo por você saber escrever.

Nunca fiz nem um poeminha de nada, sabia?

Fico pensando que se ler é bom, escrever deve ser melhor ainda.

A gente inventa, desinventa (como você fez com o Big Ben), rasga, joga fora, começa de novo.

Nunca fiz nada disso. Só uma redação de vez em quando e, agora, essas cartas.

Gosto de te escrever. Te escrevi algumas cartas tristes, mas era assim mesmo que elas tinham de ir.

A gente deve escrever o que sente, do jeito que sente.

Te escrever sempre me fez bem. Comecei brincando, como já lembrei hoje, e acabei assim, me apaixonando.

Te querendo, como na dedicatória do *João Ternura*. Te esperando na entrada do meu prédio ou na rodoviária pequena, sem nem escada rolante. (Agora, só escrever não chega. Quero te ver, te abraçar, te ouvir. Preciso.)

Fui te escrevendo e crescendo. Nossas cartas foram ficando mais sérias, mais maduras. Você percebeu?

Deve ter sido o tempo passado. Perdi um amigo, um pai, o Brasil perdeu a Nara Leão, você lembrou suas perdas, a gente quer namorar pra valer, tudo isso cresce a gente, não cresce?

Só quero te dizer mais uma coisa: **te amo**.

Um abraço crescido da **Ana**

P.S. Tomara que no próximo sonho você me sequestre...

P.S. Vou te mandar o endereço da Sônia, mas junto vai um aviso:
Quem vai escrever é o Pompeu. Se você escrever, juro que nunca
passo a mão na sua cabeça. E jogo a caixa de caquis no lixo.
Ela mora na minha rua:

Rua Pintassilgo, 13, casa 2.

Moema - S. Paulo

Ah o nome dela é Sônia D. Fala com o Pompeu que agora é a vez dele
de adivinhar o resto...

Beijos da

ANA T.

S. Paulo, 19-10-89

A última carta... vigésima segunda - Pedro

Ana Ternura Querida Sempre

Antes de qualquer conversa, quero dizer que fui ao comício do Lula aqui em Belo Horizonte. Foi emocionante, de derramar água nos olhos e no coração. Senti muita emoção e fiquei pensando que o Brasil vai mudar de cara. Vai ter agora na frente a cara de brasileiro de verdade. Um cara jovem, bonita e feliz. Uma cara igual à sua, igual a melhores de pessoas que estavam no comício: estudantes, operários, comerciários e, principalmente, namorados. Todos estavam em namorados pelo momento e o nosso Lula falando Claro, errado às vezes - e daí, O que é errado? estou lembrando de uma professora de português que tive que no zap ficou na Área Leão e Manuel Bandeira. Era dessas professoras apaixonantes e eu estou lembrando um poema de Manuel Bandeira que ela trabalhou com a turma. Sei até de cor os versos:

*"a vida não chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear,
A sintaxe lusíada"*

Depois do comício só sou entusiasmo e me arrebatou e abra os braços querendo que todos participem da minha alegria. tudo arrumado. Tia Ivany conseguiu a licença de viagem. Meu pai e minha mãe estão desconfiados. Clara que ir. E eu estou arrumando a mochila. Não vou usar nenhum disfarce, não preciso, não precisamos. já nos conhecemos o bastante . Os olhos serão cúmplices e não

haverá nenhuma dúvida. O livro levo. É mania antiga. Não sei andar sem o livro nas mãos.

Às vezes questiono (pergunto) por que nunca usamos o telefone ou (mesmo) enviamos uma fotografia? Sei não. Talvez tivéssemos medo de quê a voz revelasse a nossa identidade e a fotografia quebrasse o encanto e mistério. Melhor assim. Vai ser mais gostoso. E não vejo a hora de chegar na rodoviária e depois na "entrada" do seu prédio. (Também não gosto da palavra "hall".) A passagem em minhas mãos me dá medo e ao mesmo tempo força. Não digo a hora que o ônibus vai sair nenhum dia. Quero surpresa que tudo seja como nos sonhos: imprevisíveis, loucos e extremamente bonitos e desafiantes.

Vou colocar essa carta no correio ainda hoje talvez chegue junto com ela.

e lá vou eu levando na mochila meus animais, minhas montanhas, as cidades vizinhas que ficaram escondidas no mapa de Minas, meus sonhos, espantos, medos e a alegria que é ver e sentir uma menina/mulher que já viu mar e usa biquíni azul e se chama Ana T.

Não preciso mais colocar o retirar as mãos do queixo, não preciso insinuar Nada, mas que estou morrendo de medo e curiosidade e, isto é verdade.

Por isso, além do beijo precisamos de toda a ternura que há em seu nome nossas palavras.

***Beijos e ternura
Do Pedro (Pierre, Petrus, Peter),
Melhor, do Pedro da Ana T.***